

Ano 3, Vol. V, Número 2, pág. 7-22, Humaitá, AM, Jul- Dez, 2010.

A AGRESSÃO/VITIMAÇÃO ENTRE PARES: UM ESTUDO LONGITUDINAL COM ALUNOS DO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Ana Cristina Rosário¹ &
anacristinarosario@hotmail.com
Maria Duarte²
mariaduarte86@gmail.com

RESUMO: Este estudo teve como principal objectivo analisar a evolução de comportamentos relacionados com situações de *bullying* (vitimação, agressão e observação) num grupo de alunos do 3º ciclo do ensino básico. Aplicou-se um questionário de auto-relato designado por *Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar (QEVE)*, adaptado por Martins (2003), a todos os alunos do 7º ano duma escola básica de Évora (N=106). Passados dois anos aplicou-se o QEVE aos mesmos alunos, com a condição de estarem a frequentar o 9º ano na mesma escola (N=88). Os resultados apontam para uma clara prevalência das situações de observação, relativamente às situações de agressão e de vitimação. Em todas estas situações, as condutas de exclusão social e de agressão verbal são mais frequentes, relativamente à agressão física, em ambos os anos de escolaridade. O número de vítimas diminui significativamente do 7º para o 9º ano, mas o nº de agressores mantém-se. A baixa percepção de amigos na turma e na escola surge como determinante nos comportamentos de vitimação e de agressão em contexto escolar. Neste sentido, a criação de uma cultura de grupo e de escola e a promoção de ambientes relacionais positivos são aspectos fundamentais ao nível da intervenção psico-educativa.

Palavras-chave: Agressão. Vitimação. *Bullying*, Escola. Violência entre pares.

COUPLES' AGGRESSION/VICTIMIZATION: A LONGITUDINAL STUDY WITH STUDENTS OF THE 3RD LEVEL OF ELEMENTARY EDUCATION

ABSTRACT: The main objective of this study was to analyze the evolution of behaviors related to bullying (victimization, aggression and observation) in a group of students in the 3rd level of elementary education (7th, 8th and 9th grades). A self-report questionnaire named *Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar (QEVE)*, adapted by Martins (2003), was applied to all students of 7th grade from an elementary school in Évora (N = 106). Two years after that, the same questionnaire was applied to the same students, provided that they were attending the 9th grade in the same school (N = 88). The results showed a clear prevalence of observation relatively to aggression and victimization. In all these situations, the conduct of social exclusion and verbal aggression are more frequent relatively to physical aggression in both years of schooling. The number of victims decreased significantly from the 7th to 9th grade, but the number of aggressors remained. The low perception of friends in class and in school appeared as a determinant in the behavior of victimization and aggression in schools. Hence, the creation of a group culture and school culture and the promotion of positive relational environments are crucial in what concerns psycho-educational intervention.

Keywords: Aggression. Victimization. Bullying. School, Violence among peers.

¹ PhD Student, University of Évora,

² Educational Psychologist,

INTRODUÇÃO

O tema da violência escolar, em especial, dos maus-tratos entre pares – *bullying* – tem sido objecto de uma crescente preocupação nos últimos tempos, quer por parte da sociedade em geral, quer por parte da comunidade educativa, em particular. O aumento substancial da investigação nesta área deve-se ao facto de estarmos perante um fenómeno com contornos cada vez mais complexos, que deixa marcas profundas nos seus intervenientes (e.g. Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Martins, 2007; Olweus, 1997; Seixas, 2008) e que afecta, inevitavelmente, todo o clima escolar (e.g. Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009; Sharp & Smith, 1994).

O termo *bullying* pode ser definido como uma subcategoria do comportamento agressivo (e.g. Smith & Morita, 1999), que pretende designar determinadas condutas de agressão/vitimação que ocorrem entre pares, de modo intencional e continuado, em que o abuso de alguém mais forte para com alguém mais fraco, ou o abuso de um grupo sobre uma vítima indefesa parece ser a característica mais saliente (Olweus, 1993, 1999).

O *bullying* manifesta-se de várias formas (Freire, Veiga Simão & Ferreira, 2006; Olweus, 1999), podendo caracterizar-se como: (i) *directo e físico*, que implica atacar fisicamente outra pessoa, roubar ou danificar os seus pertences; (ii) *directo e verbal*, que implica chamar nomes, opor-se com uma atitude desafiadora e ameaçar; (iii) *indirecto*, que implica espalhar rumores pejorativos ou isolar socialmente. Mais recentemente, vários autores começaram a estudar um novo tipo de *bullying*, designado *cyberbullying*, que consiste na utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, como o telemóvel e os recursos da Internet, para enviar mensagens e criar *web sites* com carácter difamatório e hostil, de forma deliberada e intencional para magoar os outros (e.g. Almeida, Correia, Esteves, Gomes, Garcia, & Marinho, 2008; Li, 2007).

De acordo com os dados da investigação, os comportamentos de *bullying* são comuns em contexto escolar (Almeida, 1999; Olweus, 1993, 1997). Os estudos realizados em Portugal apontam para uma frequência que varia desde os 5% aos 32% da população escolar (Carvalhosa *et al.*, 2009).

As manifestações do *bullying* mais frequentes são a agressão verbal, seguindo-se a agressão física e a agressão indirecta (Whitney & Smith, 1993). Em estudos com adolescentes é também frequente inverterem-se as frequências do *bullying* verbal e relacional (Diaz-Aguado, Arias & Seoane, 2004; Formosinho, Tabora & Fonseca, 2008; Martins, 2005, 2007).

A maioria dos estudos sobre o *bullying* entre pares sugere que este tipo de fenómeno parece ter um carácter grupal (Carvalhosa *et al.*, 2009; Martins, 2007), sendo possível identificar diferentes papéis de participação no *bullying*, nomeadamente: vítimas, agressores, vítimas/agressoras (também designadas por vítimas provocadoras) e observadores. Alguns estudos têm investigado as características destes diferentes intervenientes, sobretudo aquilo que distingue as vítimas dos agressores (e.g. Martins, 2005, 2007; Olweus, 1993, 1997; Seixas, 2006; Sharp & Smith, 1994).

Os estudos apontam ainda para diferenças nos comportamentos de *bullying* em função do género e do nível de escolaridade (Carvalhosa, 2005; Martins, 2003; Olweus, 1997; Pereira, Mendonça, Neto, Valente & Smith, 2004; Seixas, 2006).

No que diz respeito ao género, os rapazes aparecem envolvidos no *bullying*, tanto como vítimas como agressores, mais frequentemente do que as raparigas (Carvalhosa *et al.*, 2009; Olweus, 1993), sendo as diferenças particularmente acentuadas no que se refere ao *bullying* físico (e.g. Almeida, Pereira & Valente, 1995; Martins, 2003, 2005; Olweus, 1999). Por sua vez, alguns estudos parecem apontar para uma tendência das raparigas se envolverem mais em situações de *bullying* indirecto ou relacional, quer no papel de vítimas, quer no papel de agressoras (e.g., Crick, 1997).

No que diz respeito ao nível de escolaridade, a frequência do *bullying* parece diminuir ao longo do percurso escolar (Carvalhosa *et al.*, 2009; Olweus, 1993), com alguns estudos a apontar para um pico de ocorrências aos 13 anos de idade (Carvalhosa, 2005). Os dados da investigação evidenciam que os alunos mais novos (1º e 2º ciclos do ensino básico) se envolvem mais em situações de *bullying* do que os alunos mais velhos (3º ciclo e ensino secundário), sobretudo no que diz respeito ao *bullying* físico (Carvalhosa *et al.*, 2009). Os alunos mais

velhos quando se envolvem neste tipo de condutas, tendem a recorrer mais ao *bullying* indirecto e relacional (Martins, 2007). Por sua vez, o número de agressores aparenta uma maior estabilidade através dos diferentes níveis de escolaridade, comparativamente às vítimas que apresentam um decréscimo com o nível de escolaridade (Martins, 2005, 2007; Olweus, 1993; Sharp & Smith, 1994).

De acordo com Carvalhosa *et al.* (2009), os dados provenientes da investigação do *bullying* são fundamentais quer para documentar a extensão do problema e compreender a sua natureza, quer para o desenvolvimento de políticas, apoios e programas de intervenção adequados a cada realidade educativa. Neste sentido, o nosso estudo teve como principais objectivos: 1) caracterizar e analisar os comportamentos relacionados com situações de *bullying* (vitimação, agressão e observação), no início e no final do 3º ciclo do ensino básico; 2) analisar o efeito do género e ano de escolaridade nas condutas de agressão/vitimação; 3) compreender a relação entre algumas variáveis de natureza sócio-afectiva e o *bullying*.

Em termos de investigação, a pertinência deste estudo deve-se ao facto de se ter utilizado o mesmo grupo de participantes para caracterizar a evolução dos comportamentos de *bullying* ao longo do 3º ciclo do ensino básico (estudo longitudinal), já que a maioria dos estudos realizados em Portugal têm recorrido a um desenho metodológico do tipo transversal (Carvalhosa *et al.*, 2009).

MÉTODODO

Amostra

Na primeira etapa do estudo participaram todos os alunos do 7º ano duma escola básica da cidade de Évora, num total de 106 alunos (63 raparigas e 43 rapazes), com uma média de idades de 12.76 (DP=.82). A escolha do 7º ano de escolaridade para iniciar este estudo prende-se com o facto de que, tal como referem Amado & Freire (2002) e Olweus (1999), os momentos de transição,

como as transições de ciclos de escolaridade ou mudanças de escola, parecem ser os de maior susceptibilidade para a ocorrência de comportamentos de agressão e vitimação em contexto escolar. Mais, Carvalhosa (2005) refere que o pico de ocorrência destes comportamentos se situa na idade de 13 anos, idade que corresponde, em termos lectivos, ao 7º ano de escolaridade.

Na segunda etapa do estudo participaram 88 alunos (53 raparigas e 35 rapazes), com uma média de idades de 14.57 (DP=.91), que corresponde aos alunos que haviam participado na primeira etapa e que actualmente frequentam o 9º ano na mesma escola.

Instrumento

Neste estudo utilizou-se o Questionário de Exclusão Social e Violência Escolar (QEVE) adaptado para a população portuguesa por Martins (2003). Trata-se de um questionário de auto-relato que inclui 3 subescalas que avaliam respectivamente condutas de vitimação, de agressão e de observação de vitimação/ agressão na escola, cada uma com 15 itens: os 4 primeiros itens dizem respeito a situações de vitimação/agressão indirecta (e.g., ignorar alguém, falar mal de alguém); os 2 itens seguintes remetem para a agressão verbal (e.g., insultar, chamar nomes); e, os últimos 9 itens referem-se a situações de vitimação/agressão física de vários níveis de gravidade (e.g., bater, ameaçar para meter medo, ameaçar com armas). Antes destas 3 subescalas, o questionário inicia-se com algumas questões de caracterização pessoal (idade, sexo, nº de retenções), bem como alguns itens sobre as percepções dos alunos relativamente: aos sentimentos face à Escola e às relações sociais/ amigas na Escola.

De acordo com os estudos de adaptação deste instrumento para a população portuguesa (e.g. Martins, 2003, 2005), cada uma das subescalas do QEVE avalia diferentes dimensões. Assim, a análise factorial permitiu identificar dois factores nas escalas de vitimação e de agressão, um factor que remete predominantemente para a *agressão física* e um outro que remete mais para a agressão verbal e relacional (que foi designado por *exclusão social*); e, na escala de observação foram identificados 3 factores (um que inclui os itens

relativos à observação de agressão verbal e relacional - *observador de exclusão social* - e os outros dois relacionados com a observação de situações de violência física – *observador de agressão menor* e *observador de agressão grave*). Por sua vez, os estudos psicométricos realizados com o QEVE apontam para uma elevada fidelidade deste instrumento (e.g. Martins, 2003, 2005; Duarte, 2010).

Procedimento

A 1ª aplicação do QEVE decorreu no ano lectivo de 2007/2008 no âmbito duma investigação desenvolvida por Duarte (2010), que contemplou todos os alunos do 7º ano da escola em estudo.

A 2ª aplicação do QEVE decorreu ano lectivo de 2010/2011, abrangendo os alunos que haviam participado no primeiro estudo e que, de forma voluntária e informada, decidiram colaborar mais uma vez, como única condição estarem actualmente a frequentar o 9º ano de escolaridade na mesma escola.

Em ambas as situações, os questionários foram aplicados por um elemento da equipa de investigação, turma a turma, numa aula de Formação Cívica, no início do 2º período lectivo (Janeiro/ Fevereiro).

No tratamento estatístico dos dados utilizou-se o programa SPSS para Windows, versão 17.

RESULTADOS

Análise descritiva dos resultados do QEVE

Na Tabela I apresenta-se um resumo dos comportamentos relativos a cada uma das três subescalas do QEVE (vitimação, agressão e observação), para os dois anos de escolaridade (7º e 9º anos). Uma vez que as alternativas de resposta eram 4 (1=nunca; 2=algumas vezes; 3=muitas vezes; 4=quase sempre), seleccionaram-se apenas as percentagens somadas relativas às alternativas de resposta *algumas vezes; muitas vezes e quase sempre*.

Tabela I: Percentagens das respostas aos 15 itens de cada uma das 3 escalas do QEVE (vitimação, agressão e observação), no 7º ano e no 9º ano de escolaridade

Itens (abreviados)	Escala de Vitimação		Escala de Agressão		Escala de Observação	
	Ano	%	Ano	%	Ano	%
01. Ignoram-me; Ignorei um colega; Vi ignorarem um colega	7º	23.6	7º	35.8	7º	57.5
	9º	17.0	9º	50.0	9º	65.9
02. Impedem-me...; Impedi...; Vi impedirem um colega de participar nas ... actividades	7º	16.0	7º	12.2	7º	43.4
	9º	4.5	9º	11.4	9º	48.9
03. Falam mal de mim; Falei mal de um colega; Vi falarem mal de um colega	7º	57.5	7º	53.3	7º	71.7
	9º	46.5	9º	54.5	9º	72.7
04. Rejeitam-me; Rejeitei um colega; Vi rejeitarem um colega	7º	15.2	7º	17.0	7º	54.7
	9º	12.5	9º	20.5	9º	56.8
05. Insultam-me e gozam-me; Insultei e/ou gozei um colega; Vi insultarem e /ou gozarem um colega	7º	32.7	7º	34.0	7º	67.9
	9º	23.9	9º	37.5	9º	70.5
06. Chamam-me nomes ...; Chamei nomes ...; Vi chamarem nomes que ofendem e ridicularizam a um colega	7º	31.1	7º	21.7	7º	53.8
	9º	19.3	9º	20.5	9º	63.6
07. Escondem-me coisas; Escondi as coisas de um colega; Vi esconderem coisas de um colega	7º	43.9	7º	19.8	7º	37.7
	9º	39.8	9º	22.7	9º	51.1
08. Estragam-me coisas; Estraguei as coisas de um colega; Vi estragarem coisas de um colega	7º	9.4	7º	4.7	7º	28.3
	9º	9.1	9º	3.4	9º	39.8
09. Roubaram-me coisas; Roubei as coisas de um colega; Vi roubarem coisas de um colega	7º	6.6	7º	0.0	7º	17.0
	9º	4.5	9º	2.3	9º	21.6
10. Batem-me; Bati num colega; Vi baterem num colega	7º	9.5	7º	14.2	7º	44.3
	9º	3.4	9º	16.1	9º	51.1
11. Ameaçam-me ...; Ameacei um colega...; Vi ameaçarem um colega, para lhe meter medo	7º	12.3	7º	10.4	7º	31.1
	9º	1.1	9º	8.0	9º	37.9
12. Obrigam-me ...; Obriguei ...; Vi obrigarem, através de ameaças um colega a fazer coisas que não quer	7º	3.8	7º	0.9	7º	13.2
	9º	0.0	9º	2.3	9º	10.2
13. Intimidam-me ...; Intimidei ...; Vi intimidarem um colega com frases ou insultos de carácter sexual	7º	8.5	7º	5.7	7º	12.3
	9º	1.1	9º	5.7	9º	15.9
14. Obrigam-me ...; Obriguei ...; Vi obrigarem um colega a ter comportamentos ou a participar em situações de carácter sexual, contra a sua vontade	7º	0.9	7º	1.9	7º	8.5
	9º	0.0	9º	0.0	9º	5.7
15. Ameaçam-me com armas; Ameacei um colega com armas; Vi ameaçarem um colega com armas	7º	0.0	7º	0.9	7º	6.6
	9º	0.0	9º	3.4	9º	8.0

Os dados apresentados na tabela 1 permitem concluir que nas três subescalas do QEVE (Vitimação, Agressão e Observação), os itens com médias mais elevadas são os que se referem às situações de *exclusão social* (itens 1,2, 3 e 4) e de *agressão verbal* (itens 5 e 6), com excepção do item 7 (“esconder coisas”) que surge em segundo lugar, em ambos os anos de escolaridade. De salientar ainda que a conduta “falar mal de” é aquela que apresenta percentagens mais

elevadas em todas as situações, o que também se verificou nos estudos realizados por Martins (2003).

A análise da Tabela 1 permite verificar que, em ambos os anos de escolaridade e em todos os itens, as situações de observação são mais frequentes do que situações de agressão ou vitimação, tal como outros estudos têm evidenciado (Martins, 2003, 2005; Seixas, 2006). Estes dados parecem confirmar a ideia de que a observação de situações de agressividade entre pares faz parte do quotidiano da maioria dos adolescentes nesta fase de escolaridade (Freire *et al.*, 2006).

Comparando os resultados do 7º com o 9º ano verifica-se ainda que: na subescala de vitimação, a frequência de todos os itens é mais elevada para o 7º ano; na subescala de observação, a frequência de todos os itens é mais elevada no 9º ano, com excepção dos itens 12 e 14; na subescala de agressão, as frequências oscilam em função da natureza dos itens, com uma tendência para o 9º ano obter percentagens mais elevadas nos itens relativos à exclusão social. Esta tendência dos alunos mais novos se envolverem mais em situações de *bullying* físico (quer como vítimas quer como agressores) e os alunos mais velhos se envolverem mais em situações de *bullying* indirecto tem sido confirmada em várias investigações (e.g. Freire *et al.*, 2006; Martins, 2003, 2007; Seixas, 2006).

A Agressão/vitimação em função do ano de escolaridade e género

Os resultados obtidos nas subescalas de vitimação e agressão (e respectivas dimensões) foram analisados, tendo em conta o nível de escolaridade (7º e 9º anos) e o género (feminino e masculino). Para analisar as diferenças utilizou-se o teste T para amostras independentes, dada a impossibilidade de emparelhar os nossos sujeitos, devido ao facto dos questionários terem sido anónimos. A condição de anonimato visava uma maior sinceridade por parte dos sujeitos nas respostas às questões que lhes eram colocadas, na medida em que algumas delas avaliavam situações de grande gravidade (por exemplo, o porte de armas).

Na Tabela 2 são apresentadas as médias e os desvios padrões dos resultados do QEVE para as subescalas de vitimação e de agressão (e respectivas dimensões), em função do ano de escolaridade.

Tabela II: Tipos de agressão/ vitimação em função do nível de escolaridade (médias e desvios-padrão) no QEVE

Subescalas/ dimensões do QEVE	Ano	N	Média	D.P.
Vítima total	7º ano	102	17.93	3.346
	9º ano	85	16.81	1.955
Vítima de exclusão Social	7º ano	103	7.95	2.319
	9º ano	86	7.27	1.560
Vítima de agressão Física	7º ano	105	10.03	1.566
	9º ano	87	9.61	.867
Agressor total	7º ano	105	17.50	2.770
	9º ano	87	17.90	3.334
Agressor de exclusão Social	7º ano	105	9.14	2.221
	9º ano	88	9.40	2.168
Agressor de agressão Física	7º ano	106	8.41	1.040
	9º ano	87	8.51	1.485

Pela análise da Tabela 2 verifica-se que os resultados de vitimação são mais elevados no 7º ano e que os resultados de agressão são mais elevados no 9º ano. No entanto, estas diferenças só são estatisticamente significativas para a subescala de vitimação ($t=2.847$; $gl= 167$; $p= .005$) e para as suas dimensões: *vítima de exclusão social e agressão verbal* ($t=2.330$; $gl= 187$; $p=.021$) e *vítima de agressão física* ($t= 2.345$; $gl= 167$; $p= .020$). Estes dados estão de acordo com a investigação que aponta para uma diminuição da vitimação ao longo da escolaridade (Martins, 2005, 2007; Olweus, 1995, 1997; 1999; Seixas, 2006), enquanto a agressão parece manter-se independente do nível de escolaridade em alunos do 3º ciclo do ensino básico (Freire *et al.*, 2006).

Na Tabela 3 são apresentadas as médias e os desvios padrões dos resultados do QEVE para as subescalas de vitimação e de agressão (e respectivas dimensões), em função do género.

Tabela III: Tipos de agressão/ vitimação em função do gênero (médias e desvios-padrão) no QEVE, para cada ano de escolaridade (7º e 9º anos)

Subescalas/ dimensões do QEVE	Gênero	7º ANO			9º ANO		
		N	Média	D.P.	N	Média	D.P.
Vítima total	Feminino	60	17.35	1.929	51	16.53	1.501
	Masculino	42	18.76	4.584	34	17.24	2.450
Vítima de exclusão Social	Feminino	61	7.70	1.585	51	7.00	1.183
	Masculino	42	8.31	3.080	35	7.66	1.939
Vítima de agressão Física	Feminino	62	9.68	.763	53	9.55	.722
	Masculino	43	10.53	2.186	34	9.71	1.060
Agressor total	Feminino	63	17.16	2.503	53	17.55	2.672
	Masculino	42	18.02	3.088	34	18.44	4.150
Agressor de exclusão Social	Feminino	63	8.94	2.078	53	9.26	1.943
	Masculino	42	9.45	2.411	35	9.60	2.488
Agressor de agressão Física	Feminino	63	8.22	.832	53	8.28	.928
	Masculino	43	8.67	1.248	34	8.85	2.047

Através da análise da Tabela III verifica-se que os rapazes apresentam resultados mais elevados do que as raparigas em todas as situações. Contudo, as diferenças entre rapazes e raparigas só são estatisticamente significativas no 7º ano, para o total da escala de vitimação ($t = -2,345$; $gl = 97$; $p = .021$) e para as dimensões *vítima de agressão física* ($t = -2,526$; $gl = 93$; $p = .013$) e *agressor de agressão física* ($t = -2,471$; $gl = 105$; $p = .015$). Estes dados apontam para um maior envolvimento dos rapazes mais novos nas situações de *bullying* físico (quer como vítimas, quer como agressores), em relação às raparigas. Esta característica foi igualmente detectada noutras investigações realizadas em Portugal (e.g. Almeida, Pereira & Valente, 1995; Martins, 2003, 2005; Seixas, 2006).

Efeito das variáveis sócio-afectivas nas condutas de vitimação/agressão

Para avaliar o efeito das variáveis sócio-afectivas (sentimento pela escola e percepção de amigos) nas condutas de vitimação/agressão recorreu-se à ANOVA (*one-way*) e aos testes de Scheffe.

Em relação ao **sentimento pela escola**, verificou-se que no 7º ano existem diferenças estatisticamente significativas na subescala de *vitimação* ($F = 2.717$; $p = .049$), em especial na dimensão *vítima de agressão física* ($F = 3.376$, $p =$

.021), bem como na subescala de *agressão* ($F= 6.180$; $p=.001$) e respectivas dimensões: *agressor de exclusão social* ($F= 3.739$; $p= .014$) e *agressor de agressão física* ($F= 6.332$; $p= .001$). As comparações múltiplas mostram que são os alunos que gostam menos da escola (que referiram “não gosto nada” e “não gosto”) que apresentam mais comportamentos de vitimação e de agressão. Estes resultados estão de acordo com os dados de outras investigações que apontam para a ideia de que as vítimas e os agressores tendem a apresentar sentimentos mais negativos face à escola (e.g. Seixas, 2006; Spriggs, Iannotti, Nansel & Haynie, 2007). No entanto, no 9º ano esta tendência não é estatisticamente significativa.

Em relação à variável **percepção de amigos** analisaram-se as diferenças em duas diferentes dimensões: percepção de amigos na turma e percepção de amigos na escola.

Relativamente à *percepção de amigos na turma*, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre os alunos que referem ter “poucos” e os que referem ter “muitos” amigos na subescala de vitimação, no 7º ano ($F= 23.211$, $P= .000$) e no 9º ano ($F= 5.284$, $p= .007$). No 7º ano encontraram-se ainda diferenças estatisticamente significativas na subescala de agressão, em especial na dimensão de *vítima de agressão física* ($F= 4.168$, $p= .005$).

Quanto à *percepção de amigos na escola*, as diferenças só são estatisticamente significativas no 7º ano de escolaridade. Estas diferenças surgem na escala de vitimação, em especial na dimensão *vítima de agressão física* ($F= 3.376$, $P= .021$), bem como na subescala de agressão, quer na dimensão de *agressor de agressão física* ($F= 6,332$, $P= .001$), que na dimensão de *agressor de exclusão social e agressão verbal* ($F= 3,739$, $P=.014$).

Em síntese, os resultados relativos à percepção de amigos mostram que são os alunos que percebem ter “poucos” ou “ nenhuns” amigos, aqueles que apresentam maior número de comportamentos de vitimação e de agressão, sendo esta tendência mais expressiva na vitimação. Estes dados parecem confirmar a ideia defendida por Hodges, Malone e Perry (1997), de que a existência de uma rede de suporte (neste caso, os amigos), constitui um factor

protector na ocorrência de comportamentos agressivos e de vitimação em contexto escolar.

CONCLUSÕES

O estudo levado a cabo mostra que as formas de agressão e de vitimação mais frequentes no 3º ciclo do ensino básico são a exclusão social e a agressão verbal, não existindo diferenças estatisticamente significativas entre o 7º e o 9º ano. Estes resultados são concordantes com os estudos realizados com jovens madrilenos (Diaz-Aguado, 2004) e com os estudos portugueses de Martins (2009).

Outra conclusão deste estudo é que ao longo do 3º ciclo do ensino básico o nº de vítimas de *bullying* diminui consideravelmente, enquanto o nº de agressores tende a ser sensivelmente o mesmo. Por outro lado, o nº de alunos que referiu já ter observado situações de *bullying* é bastante elevado face ao nº de alunos que afirmou já ter sido vítima ou agressor. Este aspecto leva-nos a pensar que o nº de vítimas e o nº de agressores identificados através deste questionário poderá estar aquém da realidade, quer pela possível dificuldade dos alunos em admitir estas condutas (mesmo que o questionário seja anónimo), quer pelo efeito da desejabilidade social muitas vezes presentes nos questionários de auto-resposta (Seixas, 2005).

Tendo em conta a variável género, os rapazes mais novos encontram-se mais envolvidos em situações de *bullying* físico (quer como vítimas, quer como agressores) em comparação com as raparigas, aspecto também já referido noutros estudos (Carvalhosa, Lima & Matos, 2001; Pereira, 2002; Olweus, 1999a; 1999b; Whitney & Smith, 1993). No entanto, no 9º ano não se encontraram diferenças significativas em função do género para nenhuma das situações (vitimação e agressão).

No 7º ano, a percepção de amigos na turma e na escola revelou ter um efeito significativo nas condições de vitimação e de agressão. No 9º ano, a percepção de amigos na turma afecta apenas a condição de vitimação (sobretudo, a dimensão de ser vítima de exclusão social). Em ambos os anos de escolaridade,

o ter “poucos” ou “ nenhuns” amigos parece constituir um factor de risco nas situações de *bullying*, mais marcante na condição de ser vítima. Estes dados vão no sentido de outras investigações que têm evidenciado uma baixa percepção de suporte social por parte das crianças vitimizadas (Griffin & Gross, 2004; Seixas, 2006).

Partindo do princípio que os amigos poderão constituir uma rede de suporte, funcionando como factor protector para a ocorrência de comportamentos agressivos e de vitimação em contexto escolar, então um aspecto importante ao nível da intervenção psico-educativa será o desenvolvimento de programas/actividades que fomentem as relações interpessoais na escola e em especial no contexto “turma”. Sobressai, assim, a importância da promoção de redes sociais de suporte e do bem-estar social como estratégias fundamentais de acção preventiva nas escolas.

Outro aspecto que nos parece essencial, dado o elevado nº de observadores de situações de *bullying*, consiste na importância de se desenvolverem acções de sensibilização na escola para o papel activo e construtivo que estes alunos podem e devem desempenhar. Mais ainda quando as investigações evidenciam que os observadores normalmente nada fazem para proteger os colegas que são vítimas dessas agressões (Freire *et al.*, 2006).

REFERENCIAS

Almeida, A. M. (1999). Portugal. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge.

Almeida, A., Correia, I., Esteves, C., Gomes, S., Garcia, D. & Marinho, S. (2008). Espaços virtuais para maus tratos reais: as práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portugueses. In R. Astor, E. Debarieux & C. Neto (Eds.), *4th World Conference on Violence in School and Public Policies* (pp. 134). Lisboa: Edições FMH.

Amado, J., & Freire, I. (2002). *Indisciplina e violência na Escola - Compreender para prevenir*. Porto: Edições ASA.

Almeida, A., Pereira, B. & Valente, L. (1995). A violência infantil nos espaços escolares: dados preliminares de um estudo no 1º e 2º ciclos do ensino básico. In L. Almeida & I. Ribeiro (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 2 (pp. 225-262). Braga: APPORT.

Carvalhosa, S. F. (2005). *Bullying in Portuguese schools: trend and variation across gender and age*. Paper presented at the 8th International Association for Adolescent Health World Congress, Lisboa, Portugal.

Carvalhosa, S. F., Lima, L. & Matos, M. G. (2001) Bullying – A provocação/ vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise psicológica*, nº XIX vol.4, (pp. 523-537).

Carvalhosa, S. F., Moleiro, C. & Sales, C. (2009). Violence in Portuguese schools. *International Journal of Violence and School*, 9, 57-78.

Craig, W., & Harey, Y. (2004). Bullying, physical fighting and victimization. In *Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from 2001/2002 survey*. (On-line) Disponível em <http://www.hbsc.org/>.

Crick, N. R. (1997). Engagement in gender normative versus no normative forms of aggression: links to social-psychological adjustment. *Developmental Psychology*, 33, 4, 610-617.

Diaz-Aguado, M. Arias, R. & Seoane, G. (2004). *Prevención de la violencia y lucha contra la exclusión desde la escuela*. 3 volúmenes e un vídeo. Madrid: Instituto de Juventud.

Duarte, M. (2010). *Comportamentos agressivos entre pares e padrões de vinculação: um estudo com jovens adolescentes*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de Évora.

Freire, I.; Simão, A. & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de educação*, 19(2), 157-183.

Griffin, R. S. & Gross, A. M. (2004). Childhood bullying: Current empirical findings and future directions for research. *Aggression and Violent Behavior*, 9, 379–400.

Hodges, E., Malone, M. J. & Perry, D. G. (1997). Individual risk and social risk as interacting determinantes of victimizations in the peer group. *Developmental Psychology*, 33, 6, 1032-1039.

Li, Q. (2007). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers and human behaviour*, 23, 4, 1777-1791.

Martins, M. J. D. (2003). *Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar. Variáveis sociodemográficas, psicossociais e sociocognitivas*. Dissertação de doutoramento não publicada. Universidade da Extremadura (Espanha).

Martins, M. J. D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise psicológica*, 4, XXIII, 401-425.

Martins, M. J. (2007). Violência interpessoal e maus-tratos entre pares, em contexto escolar. *Revista da Educação*, Vol. XV, 2, 51-78.

Olweus, D. (1993) *Bullying in Schools: What We Know and What We Can Do*. Oxford: Blackwell.

Olweus, D. (1997). Bully/victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, XII, 4, 495-511.

Olweus, D. (1999). Norway. In P. Smith, Y. Morita, J. Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.), *The Nature of School Bullying. A Cross-National Perspective*. London: Routledge.

Pereira, B. (2002). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L. & Smith, P. (2004). Bullying in portuguese schools. *School Psychology International*, 25, 2, 241-254.

Seixas, S. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2(XXIII), 97-110.

Seixas, S. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares. Bem estar e ajustamento escolar*. Dissertação de doutoramento não publicada. Universidade de Coimbra.

Seixas, S. (2008). Repercussões dos comportamentos de bullying para a saúde e bem-estar das crianças. In *Actas do I Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.

Sharp, S. & Smith, P. K. (Eds.) (1994). *School Bullying. Insights and perspectives*. London & New York: Routledge.

Smith, P. K.; & Morita; Y. (1999) Introduction. In P. Smith, Y. Morita, J Junger-Tas, D. Olweus, R. Catalano & P. Slee (Eds.) *The Nature of School Bullying. A cross-national perspective*. London: Routledge.

Spriggs, A. L., Iannotti, R. J., Nansel, T. & Haynie, D. (2007). Adolescent Bullying Involvement and Perceived Family, Peer and School Relations: Commonalities and Differences Across Race/Ethnicity. *Journal of Adolescent Health*, 41, 283–293.

Whitney, I. & Smith, P. K. (1993). A Survey of the Nature and Extent of Bullying in Junior/Middle and Secondary Schools. *Educational Research*, 35 (1), 3-25.

Recebido em 20/10/2009. Aceito em 20/1/2010.